

LAURA RESTREPO

DEMASIADOS HERÓIS

Tradução de Vasco Gato

– Preciso de saber como foi – diz Mateo à mãe. – O episódio negro, quero saber como foi exactamente.

– Já to contei milhares de vezes – responde-lhe ela.

Ele mesmo o baptizara assim, *o episódio negro*, porque o sucedido fora bastante nocivo, mas também por se encontrar sepultado sob uma montanha de meias-verdades. O pior de tudo era a sua falta de recordações; o episódio tivera lugar quando ele era demasiado pequeno para o fixar na memória. Tombos de cego. Era uma expressão que ouvira por aí. Assim se sentia ele, aos tombos por entre uma história que não compreendia, mas que o aprisionava como uma rede, e da qual fazia parte.

– Vá lá, Lolé – insiste Mateo, suavizando a voz e tratando-a assim, Lolé, como quando era pequeno. Agora prefere tratá-la pelo seu nome de baptismo, Lorenza. Quando se enfurece com ela, trata-a por mãe. – Vá lá, Lolé, conta-me outra vez. Começemos pela história do parque.

– Tu tinhas dois anos e meio. Era uma tarde de quinta-feira e o teu pai, tu e eu estávamos em Bogotá, no Parque da Independência.

– E ele tinha uma suéter de lã grossa.

– É possível.

– Vi nas fotos que ele usava suéteres de lã grossas.

– Suéteres não, pulôveres.

– O que são pulôveres?

– Suéteres. Mas ele dizia assim, pulôver. Nós, os colombianos, dizemos suéter e os argentinos dizem pulôver. Ridículo, porque ambas as palavras vêm do inglês.

– O que eu quero saber é se nessa tarde, no parque, ele também tinha posto um pulôver de lã grosso.

– Quem sabe. Do que me lembro mesmo é de que usava o cabelo comprido. Na Argentina, tinha de o ter bem curto, a ditadura não tolerava guedelhudos. Mas ao chegar à Colômbia deixou-o crescer. Se quiseres saber como era o teu pai, Mateo, olha-te ao espelho e acrescenta-te uma dúzia de anos. Assim era o Ramón de então.

– Isso não é verdade, eu não tenho os ombros largos. O meu tio Patrick contou-me que o Ramón tinha os ombros largos.

– Dentro em breve tê-los-ás assim.

– Voltemos a essa tarde, no parque.

– Eu e o Ramón estamos a passear e levamos-te pela mão. O céu é de um azul hortênsia, como são os céus de Bogotá quando...

– Não quero saber como são os céus de Bogotá – diz Mateo. – Quero compreender o que aconteceu.

Por vezes Lorenza diz ao filho que a coisa mais horrenda do episódio negro é ter sucedido justamente quando o horror estava prestes a terminar. A ditadura argentina ia ficando para trás e Ramón e ela tinham sobrevivido à clandestinidade. Depois de cinco anos de militância conjunta na resistência, tinham-se afastado do partido e tinham abandonado o país, desconcertados como monges que saíram do claustro e de repente viram-se no mundo exterior. Para Lorenza, que era colombiana, a mudança não tinha sido tão difícil; no fim de contas, o regresso a Bogotá permitira-lhe voltar a estar entre a sua gente, num mundo conhecido no qual se reintegrou sem grande drama. Ao invés, Ramón, sendo argentino, sentiu-se deslocado. Deu-lhe para odiar tudo o que o rodeava, achou a família dela detestavelmente burguesa e começou a vê-la a ela como um ser desconhecido que pouco tinha que ver com a mulher pela qual se apaixonara em Buenos Aires. Uma vez quebrada a cumplicidade que os unira durante a clandestinidade, tinham-se convertido em dois estranhos.

– Em Bogotá, o teu pai tornou-se invisível para mim – confessa Lorenza.

– Invisível como? Ninguém se torna invisível.

– Talvez eu andasse demasiado ocupada contigo, com o trabalho, com a família, possivelmente comigo mesma. Para além disso, costuma acontecer com pessoas muito unidas em tempos de perigo. Quando o perigo passa, descobrem que já nada as une. A questão é que já não encontrava espaço para o teu pai. Como se ele fosse um agasalho muito pesado em pleno Verão.

– Um pulôver de lã em pleno Verão.

– Não sabemos o que fazer com tal coisa, não pertence a esse momento nem a esse lugar. Para além disso, o Ramón também não ajudava, pois começou a comportar-se de uma forma, digamos, estranha. Não conseguia perceber em que consistia a vida fora do partido. Mas era ainda mais grave, julgo que não conseguia perceber como se vive sem a ditadura, sem ter à frente um inimigo que devemos destruir para que ele não nos destrua. Tudo isso fez com que a convivência se convertesse num mal-estar permanente, e então separámo-nos.

– Espera, Lorenza. *Separámo-nos*? Dizes *separámo-nos* e safas-te assim? Quem se separou? De quem foi a ideia de se separarem?

– Minha.

– Tu querias separar-te.

– Sim.

– E o meu pai não queria.

– Não. Ele não queria.

– Isso é muito diferente de *separámo-nos*.

– Eu tinha conseguido trabalho como jornalista e, quando me separei, fui viver contigo para casa da minha mãe, enquanto o Ramón ficou no apartamento que tínhamos alugado no centro da cidade.

– Nós fazíamos de novo parte da classe alta, e ele permaneceu pobre.

– Nada disso: tu e eu ficámos num quarto de hóspedes, e o teu pai, no seu próprio apartamento.

– Voltemos ao parque.

– Estamos no parque. Quinta-feira, cinco da tarde. Montamos-te num dos cavalinhos do carrossel e ficamos a segurar-te enquanto conversamos. Uma conversa assombrosamente serena, diria eu; nada que ver com as violentas discussões pelas quais acabávamos de passar

durante a separação. O Ramón pergunta-me se tenho a certeza de que quero a separação. Uns dias antes ter-mo-ia dito aos gritos, mas agora formula-me a pergunta num tom neutro, como um notário a averiguar um dado. Eu respondo-lhe que sim, que tenho a certeza, que a separação já é um facto e que não vale a pena reabrir a discussão. Ele diz que não quer discutir nada, só precisa de confirmar que a coisa não tem volta atrás. Não, digo-lhe eu. A coisa não tem volta atrás. Ele não insiste e muda de assunto, diz-me que no fim-de-semana te vai levar a uma quinta. Vai buscar-te cedo na manhã seguinte, sexta-feira, e devolve-te no domingo antes das sete da tarde. É uma quinta para os lados de Villa de Leyva, e o teu pai diz-me que deves ir bem agasalhado pois fará frio.

– Não lhe perguntas de quem é a quinta, ou onde fica exactamente? Não lhe pedes o telefone do sítio para onde ele me vai levar?

– Não. Não quero que pense que me imiscuo na sua nova vida. É um excelente pai, adora-te e cuida de ti, e nesse momento parece-me naturalíssimo que queira estar sozinho contigo uns dias. Penso, além disso, que, se ele já anda a organizar passeios, deve ser porque está mais tranquilo com a ideia da separação. Cada um de nós agarra-te por uma mão e, à medida que anoitece, caminhamos os três pelos trilhos do parque. A dado momento tu caís, esfolas um joelho e choras um pouco, não muito; não foi grande coisa. O estranho é que o Ramón e eu conversamos agradavelmente, sobre nada em especial. Pela primeira vez, desde que começaram as discussões da separação, voltamos a passar um bom bocado juntos. Dá-me a sensação de que poderemos vir a ser um casal separado que partilha um filho de comum acordo, e isso alegra-me.

– Certo. E, agora, o episódio negro – diz Mateo.

– Na sexta-feira acordo-te cedo, dou-te banho, visto-te e peço à avó que te dê o pequeno-almoço...

– Tinhas-me dito que foste tu a dar-me o pequeno-almoço.

– Não, dá-to a avó, enquanto eu organizo a maleta para o teu fim-de-semana nas terras frias. Meto um par de jardineiras de bombazina, uma suéter...

– Um pulôver...

– Um pulôver, meias e camisas, o teu pijama de ursinhos, que é o mais quente, o impermeável e as botas para a chuva. Às sete e meia, o

Ramón aparece e eu entrego-lhe a criança, ou seja, tu, juntamente com a maleta. Tu vais contente; gostas de estar com o teu pai e é uma alegria vê-lo. Dou-lhe também um saco com um *Choco-Quick*, umas maçãs, uma lata de leite em pó, uma caixa de *Rice Krispies* e uns brinquedos teus.

– Lembras-te dos brinquedos?

– Lembro-me de cada detalhe com uma nitidez aterradora. Dentro do saco meto um palhacinho verde que te oferecemos pelo Natal e uns longos cordões de lã que adoras arrastar pelo chão. Dizes que são *as cobas* e não deixas que tas tiremos nem sequer para as lavar. *As cobas*; ao princípio não entendíamos o que querias dizer com isso, nem por que motivo as arrastavas, até que nos demos conta: *as cobas* eram *as cobras*. Dentro desse saco meto também um frasquinho de desinfetante para que o Ramón te trate a esfoladela que fizeste no parque. Dou-lhe esse frasquinho no último instante, quando ele já já tinha saído do apartamento, apanhado o elevador e está a atravessar o *hall* de entrada na direcção da rua. Grito-lhe que espere e corro na vossa direcção de roupão e descalça, entrego-lhe o frasquinho e aproveito para te dar o último beijo. Tu fazes menção de te lançares para os meus braços, mas o teu pai retém-te. Eu digo-te que vais ficar muito contente, e tu perguntas se haverá vacas. Queres dizer cavalos; chamas vacas aos cavalos. O Ramón responde-te que sim, que haverá vacas e que poderás montar-te nelas.

– Vacas, cavalos, *cobas*. Passemos agora à noite desse dia – pede Mateo.

– Eu trabalho na secção de política nacional do *La Crónica*, um semanário novo que ganhou imensa força. Sexta-feira à noite é o fecho de edição e a redacção converte-se num fervedouro de gente. Passam por lá ministros, advogados, dirigentes das diversas tendências, amigos da casa: todos os que têm uma notícia fresca, ou querem participar na discussão sobre as que serão publicadas, param por ali e envolvem-se na tertúlia, e dessa onda de gritos vão saindo os artigos de última hora.

– Não me fales do jornalismo, mãe.

– Está bem, mas não me chames mãe.

– Mas tu és a minha mãe.

– Sim, mas dizes mãe com uma entoação... Vá, não nos zangue-mos. Voltemos à redacção do *La Crónica*. Por volta da uma e meia da manhã, pomos o ponto final na edição, e já passa das duas quando regresso à casa da minha mãe. Ela ouve-me a entrar, levanta-se, aquece-me uma sopa de legumes e faz-me companhia enquanto eu a como na cozinha. Quando nos despedimos, ela diz-me que chegou um envelope para mim e que mo deixou na mesa-de-cabeceira. Vai para o quarto, eu preparo uma chávena de chá e subo ao quarto de hóspedes, que tem duas camas, a tua, que está vazia, e a minha. O que me apetece nesse preciso momento é tomar um longo banho, e com água bem quente, antes de me deitar, para aplacar o frenesi que me contagia a cada fecho de jornal. Tu acordas-me todos os dias antes das seis, mas nesse fim-de-semana poderei dormir um pouco mais.

– Abres o envelope que te deixaram?

– Não, nem sequer o vejo, pois ao entrar não acendo as luzes do quarto. Como me doem as costas, estendo-me sobre a cama, assim vestida, às escuras, pensando que daí por uns minutos me levantarei para tomar banho. Mas adormeço. Umhas horas mais tarde o frio acorda-me. Posso ver o relógio à luz do amanhecer: vão dar as seis. Dispo-me, ponho a camisa de dormir e, como tenho sede, procuro a chávena de chá, que ficou pela metade sobre a mesa-de-cabeceira. É então que vejo o envelope. Tê-lo-ia ignorado se não me chamasse a atenção uma coisa: está escrito com a letra do teu pai. Diz *Favor entregar à Lorenza*. Porquê um bilhete do Ramón? Estranho um pouco, embora não demasiado; digamos que o abro desprevenidamente. Não é um bilhete, é uma carta manuscrita, longa, com várias dobras, e isso é que me desconcerta. A letra do teu pai, que é pequena e gatafunhada, obriga-me a procurar os óculos dentro da mala. Ponho-os e leio.

– O que diz o bilhete?

– Não é um bilhete, é uma carta. O que diz? Diz *vou-me embora para sempre e levo o miúdo, não voltarás a ver-nos*.

– Assim sem mais?

– Com muitas explicações. Páginas e páginas de explicações, de justificações, de culpabilizações. Numa linha pedia perdão pelo que estava a fazer e, na seguinte, culpava-me de tudo.

– Diz-me o que dizia a carta, preciso de saber que explicações dava o meu pai.

– Nesse momento não consegui ler mais; assim que me dou conta de que levaram o meu filho, desfaço-me por dentro.

– Mas depois leste-a toda.

– Não, nunca a li completamente, não me interessavam as suas razões. Só essa frase brutal, *vou-me embora e levo o miúdo para sempre*. Por um instante vi tudo negro e tive de me segurar para não cair ao chão. Depois comecei a soltar uivos. Uivos selvagens de loba à qual arrebataram a sua cria.

– A avó diz que eram uns uivos como se da noite dos tempos. Diz que os teus uivos a acordaram, e que pensou que te estavam a matar.

– Era pior do que isso.

– E depois?

– Não me recordo.

– Não te recordas, ou não queres recordar? Nessa madrugada, o que fazes?

– Uivar. Agonizar. Morrer. O teu pai é um especialista em mover-se clandestinamente, em falsificar passaportes, assinaturas, passagens. Está habituado a mudar uma e outra vez de identidade. Esconder-se e desaparecer, essa é a especialidade do teu pai. E acaba de desaparecer contigo.

* * *

Ramón Iribarren, sou o teu filho Mateo Iribarren e vim a Buenos Aires para te conhecer. Se receberes esta mensagem, podes ligar-me para o Hotel Claridge, quarto 506, vou estar aqui até ao fim do mês, muito obrigado, atentamente, Mateo Iribarren. Foram as palavras que Mateo escreveu e assinou com a sua letra desconjuntada numa folha de caderno, anos depois do episódio negro, quando a mãe acabava de o contar uma vez mais.

Lorenza leu o parágrafo e perguntou-se como seria possível que o filho, já entrado na adolescência e sendo mais alto do que ela, ainda